



<http://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/index>

ISSN do Livro de Resumos: 2448-0010

O ESTUDO DO MEIO: UMA METODOLOGIA PEDAGÓGICA ATIVA COM GRANDE POTENCIAL PARA APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS

HATZENBERGER, Dionísio Felipe

Mestre em Educação (UERGS), Historiador e especialista em Filosofia. Coordenador de Pós-graduação na Faculdade Sertão Central (UniFASEC) e assessor do Núcleo de Formação da Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo/RS.
E-mail: dionisio-felipe@uergs.edu.br

Resumo:

O presente estudo discute os conceitos de estudo do meio, viagem pedagógica e turismo pedagógico, conectando-os à concepção de educação pela experiência, discutindo essas práticas como meios para potencializar aprendizados significativos. A pesquisa é bibliográfica, de natureza exploratória e visa a qualificação do trabalho docente, através da capacitação para uma prática pedagógica que englobe metodologias ativas e a interdisciplinaridade, dialogando com a legislação e com os documentos de currículo, especialmente a BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

INTRODUÇÃO

Muito se fala sobre o engessamento das metodologias empregadas em aula na educação básica. Quando se trata de saberes históricos, geográficos, artísticos e de ciências naturais, por exemplo, o problema parece ser maior ainda. Há uma certa ideia formada de que o aprendizado dessas áreas se dá por metodologias exclusivamente teóricas e por meio da explanação com a ajuda da leitura de longos textos e análise de dados (em mapas, gráficos, tabelas, imagens, etc), pois estes são os meios comumente empregados.

Quando se trata dos anos iniciais do ensino fundamental, onde propõe-se uma introdução aos estudos do mundo social, cultural e físico, sabemos que por vezes eles ficam de muito aquém do ideal, relegados a um lugar (algumas vezes) obscuro, pela grande preponderância dos conhecimentos das áreas da linguagem, que ocupam parte central da prática da maioria dos docentes nesta etapa. Porém, a escola tem uma função social e política que vai muito além da necessidade ensinar a decodificar sílabas, palavras e textos. A escola precisa trazer ao estudante um conhecimento de mundo, que oportunize a este condições de inserir-se e de operar no mundo, como cidadão pleno.

A emergência de novas metodologias pedagógicas tem colocado em evidência a necessidade de “metodologias ativas”, que coloquem o estudante no protagonismo de seu próprio aprendizado e que possibilitem meios mais eficientes de construção dos saberes. É nesse contexto que o Estudo do Meio ressurgue (e ressignifica-se) como uma ferramenta com um grande potencial pedagógico.

ESTUDO DO MEIO: UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Ficar na sala de aula falando e ensinando sobre o mundo pode não ser o meio mais atraente e eficaz de construir esses saberes. Que tal os estudantes aprenderem sobre o mundo no contato com o mesmo? Se vocês estão estudando a poluição dos rios, por exemplo, que tal visitar as margens de um rio poluído? Essa é a ideia do estudo do meio (também conhecido como saída de campo e viagem pedagógica): conhecer as coisas no contato com elas mesmas.

Porém, é importante ressaltar que Estudo do Meio é diferente de passeio escolar. Há professores que pensam que todo tipo de passeio é um estudo do meio ou viagem pedagógica, mas isso não é verdade. A diferença entre estudo do meio e passeio escolar está na intencionalidade pedagógica.

Um passeio escolar pode ser meramente recreativo. Um estudo do meio exige um objetivo e um planejamento pedagógico. Ele precisa estar conectado a temáticas e à um plano de estudos que faça sentido para os estudantes.

O objetivo de uma saída de estudo do meio precisa ser a aprendizagem do aluno. E a escolha de cada detalhe, desde o roteiro, o meio de transporte, a alimentação, o guiamento e outros aspectos são fundamentais para atingir-se esse objetivo.

Segundo, Piza (1992), o estudo do meio é uma das possibilidades de ações pedagógicas que a escola pode fazer uso visando a *“atingir os objetivos que o mundo contemporâneo exige de cada um de nós”* (PIZA, 1992). É uma atividade complexa que não tem início e nem fim em si mesma. Faz parte do planejamento do professor e passa por etapas anteriores e posteriores à saída em si. Piza (1992) formulou em três etapas que ocorrem após a escolha o centro de interesse, sendo elas:

A) Introdução do tema/assunto, com a preparação em classe pelos professores das diversas matérias, dentro de um plano integrado de ensino.

B) É a saída de campo em si. Nesta fase o aluno vai aos locais vivenciar, observar e conhecer o meio, em contato com documentos, prédios, pessoas, materiais, animais, entrevistas, análises, etc. É o momento da prática procedimental que se formata numa excursão, visita técnica ou viagem;

C) Elaboração dos conhecimentos. De volta à escola, o estudante explora os resultados por meio da apresentação de suas conclusões e isso pode ocorrer em forma de seminários, dramatizações, portfólios, relatórios, áudio visuais. É também o momento da avaliação do aprendizado.

Portanto o Estudo do meio, mesmo que tenha como momento marcante e central a “saída de estudos”, não tem nessa o seu princípio ou fim, mas um meio para atingir objetivos de aprendizagem, visando a compreensão de temáticas já pré-elaboradas e que serão novamente retomadas em sala de aula após a experiência da visitação.

Interessante relacionar que o turismo, enquanto uma vivência lúdica, também assemelha-se à metodologia pedagógica acima. Pode-se verificar isso nos trabalhos do sociólogo Paulo Salles Oliveira Marcellino (2000), onde aponta-se três dimensões para a vivência do turismo: imaginação, ação e recordação: 1. O imaginário (que antecede a viagem); 2. A viagem em si; 3. A recordação (que é o prolongamento da viagem). Assemelha-se, assim, a metodologia do estudo do meio com a experiência lúdica do turismo, como forma de gerar saberes significativos, gravados não somente no campo da memória, mas da experiência de vida.

Outro fator positivo do estudo do meio é a ampla possibilidade de interdisciplinaridade, pois o mundo real não está fragmentado em “caixinhas”, tal qual às disciplinas escolares tentam demonstrar. Ao realizar-se uma viagem pedagógica (estudo do meio) obviamente depara-se com elementos e saberes que são próprios de várias áreas do conhecimento. Dificilmente um professor de uma disciplina específica conseguirá ficar apenas nos saberes propriamente do seu “conteúdo”. Nesse sentido, a parceria entre professores de diversas áreas é importante, ainda mais que a interdisciplinaridade é uma prática almejada e valorizadas como potencializadora do aprendizado.

ESTUDO DO MEIO É EDUCAÇÃO PELA EXPERIÊNCIA

A concepção de educação pela experiência conecta-se perfeitamente com a prática de estudos do meio (ou viagens pedagógicas). Sendo essa prática uma das possíveis dentro da abordagem de uma educação que privilegia a experiência.

A busca por metodologias educacionais ativas, que conduzem à aprendizagem efetiva e significativa não é assunto novo no meio escolar. A dificuldade, porém, parece-nos estar na distância existente entre a teoria acadêmica e a prática docente escolar. A grande dificuldade de trabalhar conceitos abstratos com crianças nos anos iniciais está exatamente na dificuldade de abstração nesta fase do desenvolvimento humano. Assim, todo tipo de metodologia educacional que parta do concreto para o abstrato, facilita a construção destes saberes.

Neste sentido, a educação pela experiência pode constituir-se como uma excelente proposta de aprendizado. No parágrafo abaixo, podemos perceber, nas palavras de Foucault, o poder transformador da experiência para o ser humano:

Uma experiência é uma coisa da qual alguém sai transformado. Se eu tivesse de escrever um livro para comunicar o que eu já pensava antes de ter começado a escrever, nunca eu teria coragem para fazê-lo. Só escrevo porque ainda não sei exatamente o que pensar disso que eu gostaria tanto de pensar. De modo que o livro me transforma e transforma o que penso. Cada livro transforma aquilo que eu pensava ao concluir o livro precedente. Eu sou um experimentador e não um teórico (FOUCAULT, 2006, p. 41-42).

A experiência, enquanto vivência humana complexa, exerce um papel profundo de envolvimento para a pessoa. Não é apenas uma frase que ouviu-se ou um conceito que memorizou-se. A experiência envolve muito além da linguagem e da memória. Ela perpassa os cinco sentidos humanos e portanto ganha sentido profundo e torna-se uma aprendizagem significativa.

Larrosa, em seu artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, nos afirma:

A experiência, possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24).

Portanto, percebe-se que a experiência permite muito mais do que a contemplação, passando pela reflexão, pelo estranhamento frente à realidade e por fim, estabelecendo novos parâmetros, novos sentimentos, pensamentos, opiniões e formas de pensar a realidade.

Ao realizar a visita a um espaço, conhecer um museu, observar uma peça, transitar por um bairro histórico ou simplesmente observar uma paisagem, nossos olhos se abrem para o mundo em si. Na comparação entre as tecnologias e culturas do passado e do presente nossas mentes podem elaborar suas próprias teorias do desenvolvimento humano, criando um imaginário próprio quanto aos feitos do passado e do presente, baseado nos dados observados. Tudo isso acontece muito rápido, dentro de nossa mente, sem texto ou questionário, sem quadro negro ou prova, nós simplesmente reinventamos a história para nós mesmo. E isso é o que podemos chamar de ato educativo profundo.

Este movimento interno mental, do ser diante das coisas reais, é o que constitui saberes reais. Como escreveu Paulo Freire: “*só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.*” (FREIRE, 1975, p. 66).

Se aprendemos mediados pelo mundo, na relação uns com os outros e com as coisas, certamente este movimento de experimentar novas realidades, por meio de vivências e lugares diferentes, irá, por vezes, confrontar nossas próprias verdades e nossa identidade. Ao final de uma experiência - vivência - jamais saímos iguais ao momento em que chegamos. Como discorre Pagni, no parágrafo abaixo, nosso discurso de verdade sempre é um pouco modificado pela experiência:

De fato, o aprendizado da e pela experiência interpelaria o habitualmente pensado e os significados instaurados pela linguagem corrente, perturbando o discurso de verdade e o sujeito idêntico a si mesmo [...], fazendo os seus sujeitos pensarem, se distendendo e problematizando a sua pretensão de abarcamento da realidade (PAGNI, 2010, p. 25).

Por vezes esta mudança de discurso é tão grande que modifica também a identidade de uma pessoa. Agora conhecendo o antes era novo, por vezes nos apropriamos dele, passamos a possuí-lo - conforme a ideia de “patrimônio”. A paisagem antes distante, agora pode se tornar “minha cidade”. O prédio bonito, antes imaginado como lugar da elite, agora pode se tornar “meu patrimônio histórico”. O museu, antes visto como lugar de “coisa velha”, agora pode se tornar “parte de minha história”. O parque municipal, antes desconhecido, agora pode se tornar “meu lugar de lazer”. A zona de preservação ou rural, antes vistos como “mato”, agora podem se tornar “refúgio natural”.

Trabalhar conceitos abstratos, como patrimônio, paisagem, território e cidadania, pode se tornar muito mais leve e fácil se simplesmente sairmos de dentro da sala de aula em direção ao mundo externo que imediatamente a cerca: a cidade. O simples exercício de andar pelo bairro, observar a paisagem, um arroio, um casarão ou um comércio, já pode ser o início de uma bela experiência pedagógica, se houver um guiamento cheio de intencionalidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define 10 competências gerais que servem como metas a serem desenvolvidas no decorrer da Educação Básica. Pode-se perceber que o trabalho pedagógico por meio do estudo meio (viagens pedagógicas) colabora para o desenvolvimento de todas essas habilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do meio é uma metodologia ativa que tem um potencial infinito para o trabalho pedagógico, pois todos os lugares/ambientes podem tornar-se espaços pedagógicos. Além disso, possibilita uma apropriação de conhecimento muito mais eficiente, por tratar-se de uma experiência/vivência tangível, não apenas da ordem da imaginação, mas do concreto, possibilitando até mesmo a inclusão de pessoas com grandes déficits cognitivos.

Porém o professor precisa compreender que o estudo do meio não é apenas o momento da “saída” ou “passeio”, mas é o todo de um projeto/planejamento, que perpassa a introdução, preparação, viagem pedagógica e elaboração final de produtos e ou conclusões. Esse método pode e deve ser empregado em todos os níveis da educação, desde a educação infantil até o ensino superior.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

FOUCAULT, M. *Verdade, poder e si mesmo*. In: _____. Ética, sexualidade, política: Ditos & escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 294-300. 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GELAMO, R.P. *Experiência, educação e contemporaneidade*. Marília: Poiesis, 2010. p. 15-33.

LARROSA, J.B. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação. Campinas, n. 19, p.20-28, jan./abr. 2002.

MARCELINO, N. C. *Estudos de lazer: uma introdução*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

PAGNI, P.A. *Um lugar para a experiência e suas linguagens entre os saberes e práticas escolares: pensar a infância e os acontecimentos na práxis educativa*. In: PAGNI, P.A.

PIZA, D. de T. Estudo do meio como processo pedagógico. *Revista Turismo em Análise*. São Paulo: ECA-USP, v.3, N1, pág.72, Maio/92